

**A HISTÓRIA DO “BOI JARDINEIRO” DE NÉ PRETO E DA MIGRAÇÃO DO
BUMBA-MEU-BOI DO PIAUÍ PARA O MARANHÃO**
A gênese do Bumba-meu-boi do Piauí e narrativas da “brincadeira” do Boi de Né Preto,
na cidade de Floriano, Piauí

Elio Ferreira de Souza¹

RESUMO

Trago em primeira mão a descoberta de um documento manuscrito *sui generis*, datado de 1857, que comprova uma gênese do Bumba-meu-boi no Piauí. Conto também as memórias da minha infância, relacionadas ao Boi de Né Preto, em Floriano, minha cidade natal. Falo da gênese do Bumba-meu-boi e suas façanhas, dos relatos de testemunho de Seu Né Preto sobre o Boi-de-fogo. Percorro os locais de trabalho, a casa, a sala, a cozinha, o terreiro, o quintal da comunidade dos/das “brincantes” do Boi de Né Preto da cidade de Floriano, no Piauí. Tal especulação pode ser fundamentada a partir da formação de uma estrutura econômica baseada na cultura do boi e na mão de obra dos escravizados negros das fazendas de gado durante o Piauí colonial, na história e narrativas míticas da cultura popular deste Estado.

Palavras-Chave: Bumba-meu-boi do Piauí; Boi de Né Preto; Manuscrito; Genesis; Narrativas Afro-Brasileiras.

**THE HISTORY OF THE “BOI JARDINEIRO” DE NÉ PRETO AND THE MIGRA-
TION OF BUMBA-MEU-BOI FROM PIAUÍ TO MARANHÃO**
The genesis of Bumba-meu-boi in Piauí and narratives of the “play” of Boi de Né Preto,
in the city of Floriano, Piauí

ABSTRACT

I bring you at the first hand the discovery a *sui generis* manuscript document dated 1857, which proves the genesis of the Bumba-meu-boi in Piauí. I tell the memories of my childhood, related to the Boi de Né Preto, in Floriano, my home town. I speak of the genesis of Bumba-meu-boi and his exploits, of his narratives of testimony of Né Preto about the Ox of fire. I go to the workplaces, the house, the living room, the kitchen, the yard, the backyard of the revellers of the Boi de Né Preto of the city of Floriano, in Piauí. Such speculation can be based on the formation of an economic structure based on the culture of the ox, the labor of the enslaved black on colonial cattle ranches in Piauí, the history and mythical narratives of the popular culture of this State.

Keywords: Bumba-meu-boi do Piauí; Boi de Né Preto; Genesis; Manuscript; Afro-Brazilian Narratives.

**LA HISTORIA DEL “BOI JARDINEIRO” DE NÉ PRETO Y LA MIGRACIÓN DE
BUMBA-MEU-BOI DE PIAUÍ A MARANHÃO**

¹ Escritor e poeta. Pós-Doutor em Estudos Literários pela UFMG (2019), com ‘estágio de investigação’ no Centro de História da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Doutor em Letras pela UFPE (2006). Mestre em Literatura Brasileira pela UFC (2001). Especialização em Literatura Brasileira pela PUC (1989), Belo Horizonte, MG. Graduado em Letras Português/Latim pelo CEUB (1979), Brasília, DF. Graduado pelo ABADÁ Capoeira. Professor do Mestrado Acadêmico em Letras e da Graduação em Letras na UESPI. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro – NEPA/UESPI; Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro – NEPA/CNPq. Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 21 a 35, jan. a ago. 2021

La génesis de Bumba-meu-boi en Piauí y narrativas de la “obra” de Boi de Né Preto, en la ciudad de Floriano, Piauí

RESUMEN

Les traigo de primera mano el descubrimiento de un documento manuscrito *sui generis* de 1857, que prueba la génesis del Bumba-meu-boi en Piauí. Les cuento los recuerdos de mi infancia, relacionados con el Boi de Né Preto, en Floriano, mi ciudad natal. Hablo de la génesis de Bumba-meu-boi y sus hazañas, de sus narraciones de testimonio de Né Preto sobre el Buey de fuego. Voy a los lugares de trabajo, la casa, la sala, la cocina, el patio, el patio trasero de los juerguistas del Boi de Né Preto de la ciudad de Floriano, en Piauí. Dicha especulación puede basarse en la formación de una estructura económica basada en la cultura del buey, el trabajo de los negros esclavizados en las haciendas ganaderas coloniales de Piauí, la historia y narrativas míticas de la cultura popular de este Estado.

Palabras clave: Bumba-meu-boi do Piauí; Boi de Né Preto; Génesis; Manuscrito; Narrativas afrobrasileñas.

“O BUMBA-MEU-BOI ‘NASCEU’ NO PIAUÍ E DEPOIS FOI PARA O MARANHÃO?”

Estimados lectores e lectoras, trago-lhes em primeira mão uma raridade, um documento manuscrito *sui generis*. Essa pérola que, até se prove o contrário, trata-se do registro escrito mais antigo do Brasil a referir-se à gênese, à presença primeira do Bumba-meu-boi no Piauí. O que significa afirmar, que o Boi do Piauí migrou para o Maranhão, como veremos no decorrer das páginas seguintes. O manuscrito é datado de 22 de junho de 1857, escrito há 164 anos e alguns dias ou meses, conforme levado a lume a presente publicação. A cidade é Teresina, então recente capital do Piauí. O teor da petição diz que, Maurício, escravizado negro e dirigente do boi de brincadeira, tendo obtido a autorização do seu senhor, requer licença ao Delegado para brincar no Bumba nas noites de São João e São Pedro. Esse documento é *sui generis*, peculiar e pessoal e, ao mesmo, coletivo e de interesse identitário da comunidade negra. Inusitado também por se tratar de um registro da crônica da escravidão no Piauí, que diz respeito do protagonismo de um escravizado sob a vigilância da sociedade escravagista. Embora o documento conceda ao requerente a liberdade vigiada, impondo-lhe determinados limites, Maurício requer o direito à liberdade para participar da “brincadeira”, à noite. O valor cultural desse manuscrito oitocentista é imensurável pelo que ele representa como crônica social e registro histórico do cativo afro-brasileiro no início da segunda metade do século XIX. E ainda forja e bigorna/safra genesiaca do Bumba-meu-boi no Piauí, Maranhão, Pará e estados do Norte e Nordeste do Brasil. Em particular, tal gênese corrobora com a formação econômica e sociocultural do Piauí colonial, assentada na maior criação de gado vacum do país durante o período setecentista. Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 21 a 35, jan. a ago. 2021

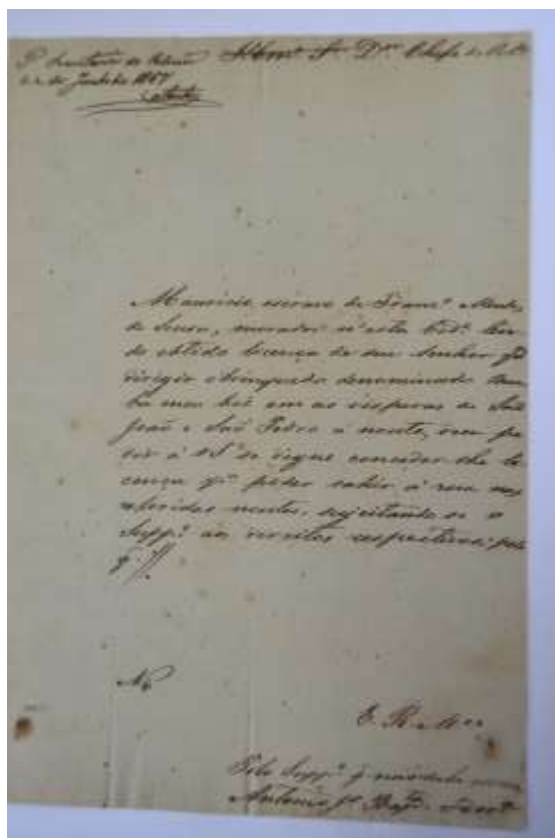
**A HISTÓRIA DO “BOI JARDINEIRO” DE NÉ PRETO E DA MIGRAÇÃO DO
BUMBA-MEU-BOI DO PIAUÍ PARA O MARANHÃO**
**A gênese do Bumba-meu-boi do Piauí e narrativas da “brincadeira” do Boi de Né Preto,
na cidade de Floriano, Piauí**

Contudo, não se pode perder de vista ou esquecer, que tal economia colonialista e cruel fora a principal responsável pela exploração da mão de obra de milhares de escravizados negros e o genocídio contra os povos originários ou indígenas do Piauí.

Em recusa abominável aos traumas da “dor da opressão”² a que foram impostos aos nossos antepassados, sinto-me feliz, responsável pelo direito e dever de socializar aos interessados a prova cabal, o registro material da boa notícia do Boi do Piauí, acompanhado da fonte original para quem queira dela se utilizar, publicar ou compartilhar, dando-se, portanto, o devido crédito a este semeador de palavras e narrativas dos meus ancestrais, que traz a público o presente documento manuscrito, conforme transcrição *ipsis litteris*:

P. Secretaria de Polícia Ilmo. Sr. Dro. Chefe de Pola. 22 de Junho de 1857

(Rubrica ilegível) Maurício, escravo de Franc.º Mendes de Sousa, morador n’esta Cide. tendo obtido licença do seu Senhor para dirigir o brinquedo denominado Bumba meu boi em vesperas de São João e São Pedro a’ noite, vem pedir a’ VS se digne conceder-lhe licença p.^a poder sahir a’ rua nas referidas noutes, sujeitando se o Suppr.^a aos direitos respectivos, pelo q. //. Na E. R. Mce. Pelo Suppr.^a q. sabe escrever Antonio Jo Bapta. Serra



² HOOKS, bell. **Não serei eu mulher?** Tradução de Nuno Quintas; revisão de João Berhan. Lisboa: Orfeu Negro, setembro 2018.

Fonte: Governo do Estado do Piauí/Secretaria de Governo do Piauí
SEGOV. Arquivo Público do Piauí – APPI. Sala do Poder Executivo.
Pasta: Teresina - Coletoria - Escravos

Não se trata de simples acaso. Considero uma dádiva de Olorum, dos orixás e antepassados negros e negras, que ofertaram a este fiel, perseverante e humilde aprendiz de contador de história e poesia. Sinto-me de fato extasiado do saber e reconhecimento acerca do Boi de brincadeira, que este valioso documento proporcionará a mim mesmo e aos futuros estudos acerca do legado da cultural ancestral e da ancestralidade dos nossos antepassados negros e africanos, escravizados no Brasil. Localizei o manuscrito no Arquivo Público do Piauí, entre setembro de 2018 a abril de 2019, quando me dispus a fazer uma devassa nas Pastas de documentos manuscritos do APPI, à procura da “Carta” (1770) de Esperança Garcia e de uma carta anônima e sem data, que também cita o nome de Esperança. Conforme minha apreciação e, em particular, como também sentenciam os pesquisadores Alcebíades da Costa Filho, Solimar Lima, Mairton Silva, essa carta anônima reserva inegável valor e, provavelmente, fora escrita por um branco e funcionário da Coroa de Portugal. As duas missivas tiveram suas transcrições publicadas em livros, pela primeira vez, por Luiz Mott (1985). Infelizmente, não conseguimos identificar o funcionário responsável pela exposição das duas cartas na ocasião do aniversário do APPI. Ambas se encontram perdidas, extraviadas ou se tornaram pó tal qual folha seca, devido a ação do tempo e má conservação do acervo dessas fontes primárias junto ao Arquivo Público do Piauí, cujos documentos necessitam de medidas urgentes por parte do Estado para a preservação desse inalienável patrimônio da memória piauiense. Mas deixemos essas lucubrações para ocasiões mais oportunas.

No APPI, manuseei, cataloguei, li e fotografei mais ou menos três mil documentos manuscritos. Encontrava-me empenhado na Residência Pós-Doutoral em Letras: Estudos Literários (agosto de 2018 a julho de 2019) na UFMG, sob o tema Narrativa de Escravidão no Brasil: A Carta da “escrava” Esperança Garcia de Nazaré do Piauí (1770), com “estágio de investigação” de maio a julho de 2019 no Centro de História da Universidade de Lisboa, em Lisboa, Portugal. Ali, realizei intensa investigação na Torre do Tombo, no Arquivo Histórico Ultramarino e na Biblioteca Nacional de Lisboa, onde podemos localizar uma imensidão de documentos manuscritos e/ou digitalizados sobre a invasão da África, Brasil e de outras ex-colônias de Portugal, guerras e massacres aos indígenas brasileiros e a escravatura dos afrodescendentes no nosso país.

Se a “Carta” de Esperança e a carta anônima já referidas ainda existem, elas se encontram extraviadas no Arquivo Público do Piauí. Sugiro aos pesquisadores que, a priori, sigam o *Humana Res*, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 21 a 35, jan. a ago. 2021

**A HISTÓRIA DO “BOI JARDINEIRO” DE NÉ PRETO E DA MIGRAÇÃO DO
BUMBA-MEU-BOI DO PIAUÍ PARA O MARANHÃO**
**A gênese do Bumba-meu-boi do Piauí e narrativas da “brincadeira” do Boi de Né Preto,
na cidade de Floriano, Piauí**

itinerário das Pastas de Escravos, da Coletoria e Escravos de Campo Maior a Parnaíba. Manuseei e continuo, quando possível, relendo as documentações fotografadas e armazenadas em arquivos pessoais, referentes às cidades do sul do Piauí, começando por São João do Piauí até Teresina. Infelizmente, a pandemia não tem mais me permitido retornar aos acervos do Arquivo Público do Piauí. Chamo à atenção ainda para o fato de que a afirmação da existência de uma cópia da missiva de Esperança, em Lisboa, não passa de uma mera falácia.

25

A GÊNESE DO BUMBA-MEU-BOI DO PIAUÍ

Julgo que seria mais prudente, falarmos de uma gênese do Boi ou Bumba-meu-boi no Piauí. No entanto, costumamos dizer nas rodas de conversa sobre Bumba-meu-boi e cultura popular, que o Boi de brincadeira nasceu mesmo no Piauí. Tal especulação pode ser fundamentada a partir da formação de uma estrutura econômica baseada na cultura do boi, na mão de obra escrava, na história e narrativas míticas da cultura popular deste Estado, cujas terras e pastagens durante a colonização, já na segunda metade do século XVII, deram lugar ao maior e primeiro grande centro criatório de bovinos do Brasil³. Assim, a história econômica e social, a memória oral, as narrativas, as lendas e mitos de fundação de origem negra e indígena relacionados à cultura do boi apontam para esse fato de que o Bumba-meu-boi nascera no Piauí e daqui o auto pastoril teria migrado para o Maranhão, Pará e outras regiões do Brasil. Contudo, isso não anula o fato de que o Boi de cada região tenha adquirido características próprias e recebido influências de outras culturas ou mesmo se originado diretamente da cultura europeia, como afirmam alguns pesquisadores acerca da origem do Boi-de-mamão de Santa Catarina, que negam a presença de elementos do Boi do Nordeste no folguedo catarinense⁴. Desse modo, o Boi apresenta suas variações conforme o lugar, como o Bumba-meu-boi do Piauí e Pernambuco, o Bumba-boi do Maranhão, Boi-surubi do Ceará, o Boi-calemba do Rio Grande do Norte, o Bumba da Paraíba, o Boi-bumbá do Pará e Amazonas, o Bumba-de-reis do Espírito Santo, o Boi-de-mamão de Santa Catarina, o Boizinho do Rio Grande do Sul e outros.

No poema “Bum bum bum”⁵, Solano Trindade remete à memória oral, ao canto de fundação do Bumba-meu-boi Piauí, cuja toada evoca a gênese da “brincadeira” ou folguedo

³ SOUZA, Elio Ferreira de. **Poesia negra**: Solano Trindade e Langston Hughes. Curitiba: Appris, 2017.

⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001. p.71-72

⁵ TRINDADE, Solano. **Cantares ao meu povo**. Apresentação de Carlos de Freitas. São Paulo: Editora Fulgor, 1961. P.122-123

através da referência à história da produção econômica e à cultura do boi, do gado bovino no Piauí:

O meu boi morreu
Que será de mim?
Manda buscar outro ó maninha,
Lá no Piauí.⁶

Reportando-me à leitura da mesma cantiga da tradição cultural nordestina, Hermilo Borba Filho sentencia que “Pereira da Costa imaginou que a origem do auto teria tido lugar por ocasião da colonização das terras do Piauí, em fins do século XVII, com as primeiras doações de terras em sesmarias feitas pelo Governador de Pernambuco. Achando ainda mais que o espetáculo deveria ser de origem pernambucana” [ou seja, oriundo das terras piauienses antes pertencentes a Pernambuco⁷. Borba Filho acrescenta que a “tese não se sustenta”⁸. Contudo, somos favoráveis à assertiva de Pereira da Costa. Os argumentos do “folclorista” e professor piauiense Noé Mendes são condescendentes à nossa opinião:

O certo é que nosso Boi se originou aqui mesmo no Nordeste, uma região colonizada através das fazendas de gado, onde o boi era o centro da sobrevivência local. E o Piauí é o estado onde esse relacionamento tornou-se mais íntimo. Daí a brincadeira estar revestida de tanta popularidade, de tanta pompa e colorido. O boi, para nós, não é apenas um animal importante como outro qualquer, mas está revestido de uma profunda significação mítica⁹.

O BUMBA-MEU-BOI: UMA CRIAÇÃO DO NEGRO ESCRAVIZADO

O Bumba-meu-boi é uma criação do negro cativo, que representou a mão de obra responsável pela criação dos rebanhos bovinos nas fazendas do Piauí colônia. O Bumba reúne raiz múltipla na formação do mito, do auto pastoril composto de elementos de culturas africana, indígena e europeia, com a predominância das culturas do negro e do indígena. Considerando a releitura de Deleuze e Guattari, feita pelo afro-martinicano Édouard Glissant, dir-se-ia tratar de uma cultura de rizoma¹⁰. Assim, a história da colonização aponta para uma gênese do

⁶ TRINDADE, Solano. **Cantares ao meu povo**. Apresentação de Carlos de Freitas. São Paulo: Editora Fulgor, 1961. p.123

⁷ BORBA FILHO, Hemilo. **Apresentação do Bumba-meu-boi**. Recife: Guararapes, 1982. p.5

⁸ BORBA FILHO, Hemilo. **Apresentação do Bumba-meu-boi**. Recife: Guararapes, 1982. p.6

⁹ MENDES (de Oliveira), Noé. **Folclore Brasileiro Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1999. p.56

¹⁰ GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 21 a 35, jan. a ago. 2021

A HISTÓRIA DO “BOI JARDINEIRO” DE NÉ PRETO E DA MIGRAÇÃO DO BUMBA-MEU-BOI DO PIAUÍ PARA O MARANHÃO

A gênese do Bumba-meu-boi do Piauí e narrativas da “brincadeira” do Boi de Né Preto, na cidade de Floriano, Piauí

Bumba-meu-boi no Piauí, embora essa “brincadeira” ou folguedo apresente pontos de entrecruzamento com as “velhas farsas populares que vêm desde a *commedia dell’arte* às pantomimas de circo”¹¹, com o boi Ápis do Egito e outras danças e cantos dramáticos da tradição popular originária da cultura africana, que também se apropriou de elementos das culturas indígena e ibérica. O fato é que o Piauí “chegou a reter os mais ricos rebanhos de todo o império colonial português na América”¹². Certamente, a economia abrigou a gênese do Boi de brincadeira neste espaço povoado pelos povos originários e repovoado pelo negro e o europeu. Na segunda metade do século XVII, com as doações de terras em sesmarias pelo Governo de Pernambuco, fundaram-se, em 1674, as primeiras fazendas do Nordeste no Piauí, tendo por eixo as cidades, hoje, de Floriano e Oeiras¹³. Assim, o Boi de São João é a representação simbólica da história, economia, cultura, etnia e da formação social do Piauí. O Estado apoiava suas bases econômicas na pecuária: a carne e o couro bovinos. Nesse cenário, a presença do vaqueiro foi decisiva para que as fazendas prosperassem. Esta classe de trabalhador era, na sua grande maioria, de “pardos” e pretos escravizados. Foi a chamada “civilização do couro”¹⁴. Isso seria motivo de orgulho, se a expansão e prosperidade das fazendas não estivessem diretamente relacionadas à exploração da mão-de-obra escrava do negro e o genocídio das nações indígenas do Piauí: Acroá, Tremembé, Gueguê, Timbira, Jaicó, Tabajara e Pimenteira” que habitavam o território piauiense, aproximadamente 316 mil indígenas¹⁵.

O Boi é a mais forte expressão da cultura popular do Piauí. Hoje, talvez essa afirmação já não tenha tanta ressonância e o Boi tenha se tornado uma narrativa do passado para a população jovem. Vivi minha infância ouvindo as apresentações do “Boi de Né Preto”. Era a grande festa da cidade de Floriano, a de maior recepção, equiparando-se ao carnaval de rua e clubes, que sempre tivera uma forte tradição na cidade. Havia também o Boi de Ademazinho da Beira do Rio e ainda o Boi do Barão de Grajaú, cidade maranhense vizinha a Floriano, separadas pelo rio Parnaíba.

MEMÓRIAS, NARRATIVAS E CANÇÕES DO BOI DE NÉ PRETO DE FLORIANO, NO PIAUÍ

¹¹ BORBA FILHO, Hemilo. **Apresentação do Bumba-meu-boi**. Recife: Guararapes, 1982. p.5

¹² BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994. p.433

¹³ PÔRTO, Carlos Eugênio. **Roteiro do Piauí**. Teresina: COMEPI, s.d. p.143

¹⁴ PÔRTO, Carlos Eugênio. **Roteiro do Piauí**. Teresina: COMEPI, s.d. p.139

¹⁵ MACHADO, Paulo. **As trilhas da morte**. Teresina: Corisco, 2002. p. 24-25

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 21 a 35, jan. a ago. 2021

No dia da morte do Boi de Né Preto, a cidade comparecia em peso, vestia-se a melhor roupa, moças e rapazes se enamoravam. Era no mês de junho, por isso, supõe-se, Boi de São João. Jardineiro era o nome do Boi de Né Preto. No dia 4 de abril dava-se início aos ensaios. As visitas às casas davam-se à noite, excetuando-se as ocasiões especiais ou comemorativas. Ele sempre cantava na minha casa. Meus pais eram grandes apreciadores das festas populares. Em Floriano, havia também o Boi de Reisado, que habitualmente cantava na minha casa, mas este era outro tipo de folguedo com seus personagens lendários e do mundo real, como lobisomem, jaraguá, careta, burrinha, etc. O Bumba-meu-boi de Né Preto era diferente. Tinha personagens como Boi, Chico ou Careta, Catirina, Amo ou Mestre, Vaqueiros, Caboclos. Os meninos ficavam encantados, enfeitiçados e ao mesmo tempo temerosos ante a presença e as façanhas do Boi. Durante a apresentação, meninos e meninas se mantinham colados ao corpo dos pais. Minha casa ficava mais ou menos à distância de trezentos metros da casa de “seu Né Preto”, o dono e Amo do Boi Jardineiro, numa rua acima, paralela à minha. Nós, os meninos da minha rua, também improvisávamos o nosso Boi. Às vezes me surpreendo cantarolando essas canções do cancioneiro popular, como as toadas do Boi de Né Preto da cidade de Floriano, transcrita abaixo, também cantada por outros Bumba-meu-boi do Piauí. Essas toadas se estruturam sob a forma de quadra, repetidas enfaticamente durante a execução do canto nas apresentações. As citadas abaixo foram catalogadas da tradição oral *ipsis litteris*, em cuja construção vocabular apresenta alguns arcaísmos:

O couro do meu Boi,
No salão alumeia,
Ô, no salão, ele brilha,
Ô, no sereno qui'lareia.

E ainda a cantiga de chegada, composta por duas quadras ou estrofes de quatro versos:

Morena bela,
Mandô me chamá.
Eu venho chegando agora,
Com meu pessoá.
Ô abre a porta,
Acende a luz,
Barre o terrêro
Pro meu boi brincar.

E outra toada como a seguinte, composta de duas estrofes de cinco versos:

**A HISTÓRIA DO “BOI JARDINEIRO” DE NÉ PRETO E DA MIGRAÇÃO DO
BUMBA-MEU-BOI DO PIAUÍ PARA O MARANHÃO**
**A gênese do Bumba-meu-boi do Piauí e narrativas da “brincadeira” do Boi de Né Preto,
na cidade de Floriano, Piauí**

Chegô, chegô
Chegô eu vi chegá
Se a dona da casa
Barre o terrêro
Pro meu Boi balançar.
Se a dona da casa
Barre o terrêro
Com bassôra de argudão,
Qui a barra do Boi é branca
Num pode arrastá no chão.

29

Há pouco pude presenciar a execução das duas primeiras canções pelo Boi Imperador da Ilha, do Sr. Raimundo Araújo, no bairro Monte Castelo em Teresina. Retomando as lembranças de infância, o Boi de Né Preto era concebido pelas crianças como um boi de carne e osso, um boi de verdade e mandingueiro. As fronteiras entre o imaginário/mítico e o real se desfaziam. O Boi fugia, não queria morrer e era perseguido de perto. O vaqueiro tinha que ser um homem de resistência física para ir ao encalço do Boi, do mesmo modo que um vaqueiro de verdade tem de perseguir o boi no meio da caatinga, montado no seu cavalo. Aos oitenta e seis anos de idade, Né Preto narrava as memórias de um boi antigo para mim, para o poeta William Melo Soares e demais pessoas presentes. Isso sob a copa de um pé de “algaroba”, defronte à sua casa humilde, no Bairro Caixa D’água, na periferia de Floriano. Sua narrativa me arrastava para as imagens da minha infância. Era nas primeiras horas da tarde de domingo. Dia da Morte do Boi. As janelas e calçadas apinhadas de gente. Eu olhando da janela, corria para calçada da minha casa depois que o Boi passava em disparada, como uma bala e o vaqueiro no seu encalço. O Boi subia a rua do Ouro na direção do bairro Viazul, depois Terra Preta, Apertar da Hora e talvez Amparo, fugindo do vaticínio que o aguardava às seis horas da tarde no mourão do Matadouro:

O Boi num quer morrer. Quem é que quer morrer? Então ele se esconde, e o vaqueiro corre estreito. Nesse dia o Boi se escondeu e nós aqui procurando o Boi por toda parte e ele escondido lá no bairro Manguinha. Eu fiquei danado: o povão todo esperando pela morte do Boi, e ele num aparecia. Nesse dia, eu xinguei todo mundo, xinguei Miolo, Vaqueiro, Catirina, só não me bateram porque não quiseram. Só matemos o Boi dois dias depois¹⁶.

¹⁶ FERREIRA, Elio e SOARES, William Melo. **Né Preto**. Teresina: Corisco, 1988. p.13
Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 21 a 35, jan. a ago. 2021

O espetáculo da morte do Boi era no matadouro público. O Boi era preso ao laço e amarrado ao mourão. Antes de ser dominado, o Bumba tentava escalar as toras ou linhas de carnaúba, que formavam a parede do curral. A meninada gritava cheia de emoção. Lá no fundo do meu coração, desejava que ele escapasse de uma vez por toda e continuasse cantando nas casas o ano todo. Mas isso nunca acontecia. O arraial do Boi era à noite, na época dos festejos de São João, no mês de junho e a morte era oito de julho, data do aniversário da cidade. A festa transcorria num largo de areia branca, mais amplo do que um campo de futebol, nas proximidades do antigo matadouro de Floriano, à distância de alguns quarteirões da minha casa, onde posteriormente foram construídos o Colégio Estadual Osvaldo da Costa e Silva, o Grupo Escolar Fauzer Bucar, uma praça, uma quadra de esporte e áreas adjacentes.

AS NARRATIVAS PROTAGONIZADAS POR NÉ PRETO E O BOI

Em 1987, esse Boi de pandeirão, matraca e maracá, do qual as mulheres também tomam parte, retornava às atividades graças aos esforços de alguns voluntários da cidade, depois de permanecer desativado durante quatro anos por falta de recursos financeiros, pois os brincantes do Boi se encontravam mais pobres ou desestimulados a comprar sua própria indumentária luxuosa que custa um preço elevado. Naquele ano, Né Preto completava sessenta e seis anos de brincadeira naquele Boi, que fora popularizado como “Boi de Né Preto” e lembrava:

O boi era do finado Alarico, um cabra moreno, um cabra bom. Eu e um cunhado dele, que era o miolo, brincava debaixo do boi, eu era o vaqueiro, o guia. Um dia ele me chamou na casa dele, eu e o Doca, que era cunhado dele, ele tava doente e disse: “Né Preto, você ou o Doca vai tomar conta do boi, porque dessa vez eu não escapo.” Eu falei:” Rapaz, num diga isso!...” O Doca disse que num queria porque não sabia fazer. Eu disse: “Eu fico. Num sei fazer bom, mas faço.” Ele falou: “Então você fica com os trens, o Doca fica sendo o miolo” [o que brinca debaixo do boi]. Depois o Doca se mudou para Teresina, eu arranjei outro miolo e fiquei sessenta e seis anos fazendo boi¹⁷.

A narração de Né Preto revela a tradição secular do Boi de Floriano, provavelmente de 1910. Né Preto recebeu o Boi de “Alarico”, que também já vinha brincando no Boi há algumas décadas. O Boi viera de Oeiras, antiga capital do Piauí. Ali certamente, existiram muitos outros antes deste. O documento mais antigo, de que se tem notícia a tratar sobre o Bumba-meu-boi, é o do jornal “O Capuceiro”, de 11/01/1840, escrito por Lopes da Gama, intitulado “A Estultice

¹⁷ FERREIRA, Elio e SOARES, William Melo. **Né Preto**. Teresina: Corisco, 1988. p.11-12
Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 21 a 35, jan. a ago. 2021

A HISTÓRIA DO “BOI JARDINEIRO” DE NÉ PRETO E DA MIGRAÇÃO DO BUMBA-MEU-BOI DO PIAUÍ PARA O MARANHÃO

A gênese do Bumba-meu-boi do Piauí e narrativas da “brincadeira” do Boi de Né Preto, na cidade de Floriano, Piauí

do Bumba-meu-Boi”¹⁸. Mas esse parece se tratar de outro tipo de Boi, ou seja, do Boi de Reissado, cujos personagens são diferentes do Boi do Piauí e do Maranhão, acerca do qual me refiro nestas páginas. É provável que o Boi do Maranhão tenha surgido após a introdução da atividade extensiva do pastoreio de gado bovino nessa Província, que teria ocorrido “durante a revolta da Balaiada”¹⁹, 1938-1941. A conhecida narrativa de fundação do Boi do Piauí conta que o Pai Francisco, um escravo negro, matou o boi do patrão para satisfazer a esposa grávida que desejou comer a língua do boi. O Sr. Raimundo Araújo, Amo do Imperador da Ilha de Teresina, fundado em 1934, conta que “O Bumba-meu-boi nasceu em Oeiras. Quem fez a brincadeira do Bumba-meu-boi foram os índios e numa caveira. Eles encontraram uma caveira de boi e botaram num pau e ficaram brincando. Inclusive é por isso, que a gente usa aquelas penas” (2005, entrevista), indicando os Caboclos de Pena, personagens do Boi do Piauí. Na memória das pessoas mais velhas de Floriano preserva-se ainda um boi rústico, antigo: o Boi-de-fogo, recuperado na narrativa memorialista de Né Preto, cujos episódios são desconhecidos em outras paragens, isso é o que nos consta:

Só se via aquelas tochas de fogo. Era cada bambu desse tamanho! [...]. A gente vestido em dois sacos de estopa molhada e coberta com tabatinga, mesmo assim os alfinetes ainda furavam o coro da gente. “É fogo, é fogo/É fogo na cidade/E os caixeiros/Tão quebrado”. Quando dissemos “os caixeiros tão quebrado”, o pau comeu duro! E eu ali por debaixo da roupa do finado Zé Duque, um negão alto, que era aciador. Eu fiquei por baixo da roupa dele, uma fumaça! E o pau comendo²⁰.

Pretendo discutir e esclarecer alguns pontos e evocar uma discussão em torno de uma gênese e da importância desse folguedo, que durante alguns anos foi negligenciado pela população e os governos do Piauí. Isso foi provavelmente um dos pontos cruciais que gerou todo esse silêncio mau pressagiador e nos fez perder a antiga referência nacional do Boi do Piauí, indicado pela canção de domínio público ou narrativa de fundação, que vale lembrarmos mais uma vez: “O meu boi morreu/Que será de mim?/Manda buscar outro,/ó maninha,/lá no Piauí”. Isso dera lugar ao merecido valor pela beleza e pujança dos espetáculos do Boi do Maranhão e do “Boi de Parintins”, celebrados pela mídia nacional.

O BOI CHOROU, EU VI. QUEM NÃO CHORA NA HORA DA MORTE?

¹⁸ BORBA FILHO, Hemilo. **Apresentação do Bumba-meu-boi**. Recife: Guararapes, 1982. p.6

¹⁹ BUENO, André Paula. **Bumba-boi maranhense em São Paulo**. São Paulo: Nankin Editorial, 2001. p.29

²⁰ FERREIRA, Elio e SOARES, William Melo. **Né Preto**. Teresina: Corisco, 1988. p.10-11

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 21 a 35, jan. a ago. 2021

Mais uma vez me reporto às memórias do Bumba-meu-boi da minha infância, o Boi de Né Preto. O Boi de pandeirão, matraca e maracá do meu bairro. O Boi do Piauí que migrou para o Maranhão, Pará e outros lugares do Brasil. Essa transferência deve ter acontecido em consequência da migração de vários trabalhadores cativos e vaqueiros das antigas fazendas do Piauí para o Maranhão, na época da implantação das primeiras fazendas de gado no território maranhense, ocorrida na primeira metade do século XIX. Tal fato contrariou a vontade da maioria desses homens, mulheres e crianças escravizados, que foram forçados a migrar com o objetivo de povoar as fazendas do estado vizinho e cuidar do rebanho bovino e cavalar. Acerca desse tráfico interno da mão-de-obra escrava, Solimar Lima afirma que “[...] em 1820, por exemplo, foram solicitados ‘25 casais’ para o Maranhão. A notícia da partida parecia trazer dias de desespero para os afrodescendentes”²¹

Essa relação entre o Bumba-meu-boi, a comunidade negra trabalhadora e os escravizados do antigo cativo das fazendas de gado do Piauí, pode ser evidenciada também, quando me refiro à história do Boi de Né Preto de Floriano, Piauí. Nesse boi, a maioria dos “brincantes” eram as pessoas do povo, que trabalhavam no abate de bovinos. Esses trabalhadores eram majoritariamente homens, mulheres e crianças que moravam num bairro negro da cidade de Floriano, à distância de três ruas da minha casa, do meu bairro. No Matadouro Público, o abate dos bois ficava sob a responsabilidade dos homens, realizado num grande galpão com cobertura de telha e piso de cimento liso. Né Preto era o mais velho daqueles homens e exercia sua liderança sobre o grupo. Ao seu lado, estava Cum, Mundico Capivara, Guilhermão e outros nomes que me fogem à memória. O boi era preso ao laço e amarrado ao mourão. Diziam que o boi manso chorava, corria-lhe um fio de lágrimas no canto dos olhos. Um dia me aproximei de um desses animais prestes ao sacrifício e fui surpreendido – olhei bem no canto dos seus olhos - na verdade, o boi chorava. O boi bravo empacava, arremetia-se contra o inimigo. Nessas horas, chamavam Guilhermão, um homem corpulento, forte como gigante. Paulão, um amigo de infância do meu bairro, lembra que foi “segurão” de boi no mesmo matadouro, ou seja, segurava a corda que subjugava o animal. Ele conta que Guilhermão, com a mão direita, prendia um dos cornos do boi e pedia a ele, o segurão – “Paulo, o machado!”. Às vezes era impossível atender ao pedido. E Paulão respondia apreensivo – “Seu Guilherme, estou segurando o boi!” Então, com o punho esquerdo, Guilhermão desferia um murro na nuca do boi que caía por terra, agonizante.

²¹ LIMA, Solimar Oliveira. **Braço forte**: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí: 1822 – 1871. Passo Fundo: UPF, 2005. p.53

**A HISTÓRIA DO “BOI JARDINEIRO” DE NÉ PRETO E DA MIGRAÇÃO DO
BUMBA-MEU-BOI DO PIAUÍ PARA O MARANHÃO**
**A gênese do Bumba-meu-boi do Piauí e narrativas da “brincadeira” do Boi de Né Preto,
na cidade de Floriano, Piauí**

Em seguida, sangrava o animal. Era um espetáculo trágico, mas admirável e emocionante para a maioria das pessoas presentes.

Depois de abatidos, os animais eram limpos e transportados para o Mercado Público. A cabeça, as patas e as vísceras eram levadas à casa das “fateiras”. No quintal dessas residências, as vísceras eram limpas, tratadas. Em seguida, eram vendidas em pequenas bancas no mercado e também na própria casa desses “brincantes” do Boi de Né Preto. Daí porque a Rua Manuel Lapa, situada no Bairro Curador, há algumas décadas era popularmente conhecida como Rua do Fato. Ali e nas proximidades, morava a maioria dos brincantes do Boi. Entre meados da década de 80 aos anos 90, todas as noites, o Boi de Né Preto - o antigo Jardineiro, já com outro nome, se reunia no seio dessa comunidade, no quintal da casa dos responsáveis pela organização do Boi, os irmãos Pedro Antônio e Antônio Cafuçu, acompanhados de suas respectivas esposas, dona Teresa e dona Maria de Fátima.

Essa imagem do velho contador de histórias, do criador de passarinhos, do hábil artesão, do *griot*, do prolífero autor de cantigas do bumba, que fora Né Preto e do seu Boi Jardineiro, é algo inapagável da minha memória de menino da Rua do Ouro, e da memória de muitas outras crianças de outras ruas de Floriano, que também foram encantadas por aquele mundo de magia em que a realidade se confundia com a fantasia, o imaginário, o mágico, como neste poema de minha lavra, musicado pelo amigo e radialista Toni Ferreira, que se transformara em samba enredo campeã da escola de samba Mangueira, da cidade de Floriano, no Estado do Piauí, no início da década de 1990.

NÉ PRETO

Dona Maria, nosso boi morreu.
Dona Maria, nosso boi morreu
Vende a caveira, que o dinheiro é seu.
Vende a caveira, que o dinheiro é seu.
(Boi de Né Preto, Floriano, PI)

Seu Né Preto
espere por mim
com banhos de alecrim
com histórias de Trancoso
com cantigas de passarinho
com sete gerações bumba-meu-boi
no terreiro
não era gente debaixo não
era boi mesmo
e cheio de artimanhas.
Seu Né Preto

me ensine
a fazer uma gaiola
um papagaio de papel
um carrinho de buriti
e o caminho daquela serra
onde se caçava alecrim.
Seu Né Preto
me deixe brincar
na roda de São Benedito
na roda de São Gonçalo
no bumba-meu-boi
boi bumbá
eita, boi Jardineiro!
eita, boi mandingueiro!
Seu Né Preto,
pouco se espera dos quintais
sem o canto do bem-te-vi
sabiás e pardais
urubus sobre a cerca de candeia
galinhas ciscando o monturo
e o cocoricóóó de um galo de
Calcutá
amanhecendo o girassol amarelo,
amarelo
a manhã amarela de céu azul, azul
no bairro Caixa-d'água
da minha pequena cidade²².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do mesmo modo, na África anterior à escravidão europeia, os ritos religiosos, os cantos, as manifestações culturais do povo geralmente estavam também associadas ao trabalho, às atividades econômicas da sociedade tribal, grupo étnico ou nação. Os ritos de cerimônias relacionados ao boi eram também celebrados na África e, indubitavelmente, foram trazidos pelos cativos africanos originários de sociedades pastoris²³. Transplantados para o Brasil, esses antigos ritos foram recriados nas fazendas do Piauí, entrecruzando-se também com as culturas indígenas e europeias. Dessa negociação de culturas teria se originado o auto pastoril do Bumba-meu-boi. Assim, supõe-se que uma gênese do “Boi de brincadeira” fora constituída nas povoações do sul do Piauí, por volta do final do século XVII, pelos trabalhadores escravizados que cuidaram das primeiras fazendas de criação de gado nas terras piauienses. Nesse contexto, o mito de fundação do Bumba-meu-boi nos remete à história de “Catirina”, que deseja comer a língua do boi mais formoso da fazenda do patrão. Chico, o vaqueiro, atende ao desejo da esposa grávida

²² FERREIRA, Elio. *América negra e outros poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2014. p.55-57

²³ LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. p.163-164

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 21 a 35, jan. a ago. 2021

**A HISTÓRIA DO “BOI JARDINEIRO” DE NÉ PRETO E DA MIGRAÇÃO DO
BUMBA-MEU-BOI DO PIAUÍ PARA O MARANHÃO**
**A gênese do Bumba-meu-boi do Piauí e narrativas da “brincadeira” do Boi de Né Preto,
na cidade de Floriano, Piauí**

e mata o boi. A partir desse episódio se desencadeia a ação dramática do auto popular. Como já nos referimos em páginas anteriores, as relações entre arte, trabalho, economia, religiosidade e sua função social são peculiares às sociedades africanas, transculturadas para as Américas.

O Sr. Raimundo Araújo, mestre do Bumba-meu-boi “Imperador da Ilha” do bairro Monte Castelo de Teresina, Piauí, conta que, “um dia um índio achou uma caveira de boi e enfiou num pedaço de pau, e levou para a tribo, e começou a dançar. Os negros viram aquilo e fizeram o Bumba-meu-boi”²⁴. Provavelmente isso se tratava do ritual da caça boi pelo indígena, pois com a fundação das primeiras fazendas de gado no Piauí, os autóctones passaram a caçar o boi e, conseqüentemente, os fazendeiros se empenharam ainda mais na organização de milícias para o genocídio contra as sete nações indígenas do Piauí. O rito da caça ao boi deve ter estimulado a memória do negro escravizado a lembrar de antigos ritos africanos, que estavam relacionados à festa do boi. Desse modo, a memória pessoal e coletiva protagonizada pelos afrodescendentes significa uma forma de resistência às narrativas únicas, aos valores e hegemônias da cultura ocidental e colonialista. A travessia forçada do *Atlântico negro*²⁵ pelo africano sequestrado foi antecedido do genocídio contra milhões de pessoas de diferentes povos, nações ou etnias africanas, cuja atrocidade foi posta a termo pelo branco invasor, o europeu. Apesar da dor atroz do exílio diaspórico e do cativeiro²⁶, o africano e seus descendentes resistiram ao apagamento da memória ancestral, o que significa dizer que permitimos a nós mesmos/as ao diálogo de experiências do passado com o presente a partir de relações entre os diferentes povos sequestrados, cativos e livres, constituindo-se estrategicamente em práticas solidárias ou *malunguistas* e redes de transferência de culturas negras identitárias, resilientes nas Américas.

²⁴ ARAÚJO, Raimundo. **Depoimento do Sr. Raimundo Araújo, Amo do bumba-meu-boi Imperador da Ilha**. Teresina, Piauí: 2005.

²⁵ GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**; tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

²⁶ HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adeline La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.